

## **A HISTÓRIA DA GESTALT-TERAPIA NO BRASIL : “peles-vermelhas” ou “caras-pálidas”?**

Eleonôra Torres Prestrelo \*

Esse trabalho se propõe a resgatar, sob o olhar da narradora (como não poderia deixar de ser), um pouco da história do surgimento da Gestalt-Terapia no Brasil, seguindo um eixo de reflexão que privilegia uma dicotomia existente desde seu início, a partir de divergências pertinentes a forma de encaminhar a divulgação desta abordagem e a quais aspectos deveriam ser privilegiados no trabalho clínico.

Partindo dessa concepção, faz-se necessário começar esse trabalho contextualizando um pouco o surgimento da Gestalt-Terapia, desde o período de sua fecundação européia até o nascimento e primeiros anos de crescimento nos EUA.

Friedrich Salomon Perls (Fritz Perls), mentor da Gestalt-Terapia, nascido em Berlim, Alemanha, no ano de 1893, numa família de origem judaica, formou-se em medicina, atuando como neuropsiquiatra. Sua carreira profissional o levou a ter contato com vários expoentes da psicanálise, à qual aderiu, inclusive em seu processo de análise pessoal. Bem como com a Psicologia da Gestalt, através de Kurt Goldstein, com o qual trabalhou e posteriormente com Kurt Lewin – trazendo para sua vida uma perspectiva holística do funcionamento orgânico.

Além dessas referências em sua formação, Fritz, desde a adolescência, sempre se interessou pelo teatro (chegando inclusive a participar de forma amadora do Deutsche Theater, sob a direção de Max Reinhardt), tinha uma enorme curiosidade intelectual, em que era facilitado pelo domínio de vários idiomas (alemão, francês, hebraico e grego) e estava

---

\* Professora do Departamento de Psicologia Clínica do IP/UERJ.

sempre em companhia de poetas, filósofos e artistas anarquistas, identificados com a chamada “contracultura” berlinense (Grupo Bauhaus).

Essas influências vão se fazer presentes, de alguma forma, durante toda sua vida, inclusive, na construção da Gestalt-Terapia.

Em 1935, Fritz e sua esposa Laura Perls, refugiados da perseguição aos judeus na Alemanha, instalaram-se em Johannesburg, na África do Sul, onde continuaram exercendo a atividade de psicanalistas, fundando o Instituto Sul-Africano de Psicanálise. Foi durante esse período de sua vida que começaram a ser plantadas e germinadas as primeiras sementes do que viria a se constituir a abordagem gestáltica.

Em 1936, no Congresso Internacional de Psicanálise, na Tchecoslováquia, Fritz Perls apresentou um trabalho destacando a importância do que denominou de “resistências orais”, como fonte de entendimento do processo de formação das neuroses. Essa nova perspectiva, ansiosamente preparada e defendida por ele, foi criticada e quase que inteiramente ignorada pelos psicanalistas ali presentes. Ignorância experienciada também por Perls, ao procurar Freud para um contato pessoal e discussão de suas idéias.

O desenvolvimento dessas idéias culminou na elaboração e publicação de seu primeiro livro : *“Ego, Hunger and Agression – A Revision of Freud’s Theory and Method “* em 1942.

Logo depois, em 1946, mudou-se para Nova York, para onde seguiu sua família no ano seguinte. Entrou em contato com grupos de artistas, filósofos, intelectuais e terapeutas aos quais se sentia afinado em sua forma de pensar e viver a vida, começando a estruturar mais sistematicamente o que viria a se constituir nas bases teóricas e conseqüente aplicação de uma nova abordagem terapêutica: a Gestalt-Terapia.

Utilizou, na estruturação de seu corpo teórico, toda a gama de conhecimentos e experiências adquiridas durante a sua vida:

*“Desenvolvendo a Terapia Gestáltica, Perls baseou-se em diferentes e diversas tradições, colhendo delas aqueles elementos que ele podia empiricamente validar em sua vivência. Entender a posição que a Terapia Gestáltica ocupa hoje e a direção que parece estar tomando requer um treinamento cuidadoso em seu passado, naquele manancial de idéias que confluíu através da pessoa de Perls.”*  
(Smith, 1976 in Cavanellas, 1998, p.70).

Essa abordagem se deu a conhecer na publicação de seu primeiro livro texto *“Gestalt Therapy: Excitement and Growth in the Human Personality”* lançado nos EUA no ano de 1951, escrito por Perls (a partir de apontamentos seus ) e seus colaboradores Paul Goodman e Hefferline.

Tendo contado um pouco da história da origem da Gestalt –Terapia, faz-se necessária a retomada do eixo de reflexão proposto. A dicotomia que está sendo enfatizada nos remete a diferenças presentes na forma de pensar e lidar com a divulgação dessa nova abordagem por seus pensadores e fundadores, contextualizada por Miller em sua introdução ao livro *“Gestalt-Terapia”* (1997) na reprodução de um visão crítica da sociedade americana realizada pelo crítico literário Phillip Rav em seu ensaio intitulado *“Cara - pálida e pele vermelhismo”* onde se referia a uma falta de integração da literatura americana da época.

Tentando resumir, para o entendimento do que nos interessa neste trabalho: Rav identificava os escritores americanos como participantes de uma disputa entre dois campos de valorização de uma visão de mundo: de um lado, o que ele chamou de grupo dos “peles-vermelhas”: aqueles autores que representavam a inquietude e irreverência aos costumes estabelecidos, valorizando a intuição, a expressão de sentimentos, o individualismo. Estereótipo que poderia ser caracterizado por aqueles que *“... punham o pé na estrada”*. (cic, p.18)

Do outro lado do campo estaria o grupo dos “caras-pálidas”, aqueles autores que valorizavam as tradições literárias e intelectuais, a reflexão intelectual na elaboração e descrição da experiência humana e que tendiam a se concentrar nas grandes cidades.

Michael Vincent Miller – eminente estudioso contemporâneo da Gestalt-Terapia – resgata o estereótipo utilizado na crítica de Rav para identificar duas vertentes de gestalt-terapeutas:

Os “peles-vermelhas”, no caso, seriam os gestalt-terapeutas voltados para a defesa de uma prática que valoriza a intuição, a expressão catártica de emoções, que rejeitam uma reflexão teórica sistemática de sua prática. Se prendem na ênfase do aspecto vivencial que caracteriza essa abordagem e a diferencia das abordagens hegemônicas no momento de seu surgimento – identificados com o grupo que se fixou na costa oeste americana.

Os “caras-pálidas”, por sua vez, seriam aqueles gestalt-terapeutas identificados com o grupo que se fixou na costa leste dos Estados Unidos, onde a Gestalt-Terapia se fez conhecer e se constituiu como uma abordagem autônoma, que estariam preocupados com a divulgação de seus pressupostos e com a sistematização de uma prática coerente com seu corpo teórico – Como podemos ver, disputa identificada, inclusive, geograficamente.

Essa dicotomia foi se constituindo a partir de alguns elementos que refletiam os interesses predominantes do grupo inicial de estruturação e divulgação dessa abordagem, dentre os quais podemos citar:

a) O primeiro livro publicado dessa abordagem, até hoje considerado a bíblia da Gestalt-Terapia, o *Gestalt-Therapy: Excitement and Growth in the Human Personality* (1951) era composto por dois volumes reunidos em um só livro. O vol.I que consistia na estruturação teórica da abordagem e o vol.II que consistia numa série de exercícios descritos e comentados referentes a sua prática.

Essa ordem dos volumes foi alterada, no entanto, por ocasião de sua primeira publicação em 1951, segundo consta, por razões comerciais. O Vol.I passou a ser o de exercícios e o vol.II o correspondente à fundamentação teórica – o que implicou numa visão distorcida da Gestalt-Terapia: a de que poderia se constituir numa “autoterapia” ou que sua base residiria numa série de exercícios;

b) A aceitação e divulgação da Gestalt-Terapia ganhou grande impulso no início dos anos 60 por ser uma corrente de pensamento e prática terapêutica afinada (em alguns dos seus pressupostos) com os movimentos de contracultura, fenômeno histórico efervescente nos EUA e Europa nessa época.

*“... a juventude engajada na contracultura dos anos 60 buscava, através deste conjunto de idéias e comportamentos, cair fora do sistema. (...) Rejeitavam-se não apenas os valores estabelecidos mas, basicamente, a estrutura de pensamento que prevalecia nas sociedades ocidentais. Criticava-se e rejeitava-se, por exemplo, o predomínio da racionalidade científica, tentando-se redefinir a realidade através do desenvolvimento de formas sensoriais de percepção”. (Pereira, 1984, pp.22-23).*

Fritz Perls, referência principal da Gestalt-Terapia, começou a correr o país claramente dedicado à divulgação de sua abordagem, realizando workshops para profissionais da área. Esses workshops foram muitas vezes tomados como suficientes para que profissionais se considerassem aptos a saírem praticando a Gestalt-Terapia.

Seus trabalhos em grupo pareciam propiciar “curas” milagrosas, dado a rapidez na resolução dos conflitos apresentados por seus participantes. Não se levava em conta sua vasta experiência profissional, seus 50 anos de prática clínica, as quatro análises vividas e seus 76 anos – que fundamentavam a incrível perspicácia clínica que se concretizava no exercício de seu trabalho;

c) Laura Perls e o chamado “Grupo de Nova York”, grupo de colaboradores que ajudou inclusive a fundar o primeiro *Instituto de Gestalt de Nova York*, se mantiveram dedicados ao aprofundamento da abordagem, bem como à elaboração de grupos de estudo permanentes, adquirindo grande competência na elucidação de questões vinculadas à teoria e a prática gestálticas. Como diz Juliano: “*A imagem que vem é que Perls vai na frente abrindo picadas, e o grupo vai atrás fazendo o trabalho de pavimentação dessa estrada*”. (1992,p.13))

Fritz se colocou “*na estrada*” para divulgar a abordagem, Laura, por sua vez, plantou raízes em Nova York, mas só assumiu realmente o lugar de co-fundadora da Gestalt-Terapia após a morte de Perls, em 1970.

É interessante notar, como se pode ver a seguir, que a história do surgimento da Gestalt-Terapia no Brasil segue movimento semelhante ao da época de sua origem

Segundo Juliano (1992), esse contato inicialmente se deu como resultado do anseio de alguns profissionais como ela, Thérèse Tellegen e outros em trazer para sua prática, inicialmente com grupos, toda uma concepção de mudança na estrutura das relações pessoais, inclusive nas instituições onde trabalhavam – embalados pelas idéias libertárias de alguns movimentos europeus (como Sumerhill), bem como de uma nova perspectiva de trabalho em grupo como o realizado nos chamados “Grupos de Encontro” nos Estados Unidos, onde o crescimento pessoal se vinculava à perspectiva da construção de um mundo melhor.

Pode se registrar o início do movimento gestáltico no Brasil, no ano de 1972, em São Paulo, com o repasse dos primeiros conhecimentos adquiridos desta abordagem, por Thérèse Tellegen – decorrentes de workshops realizados em Londres – lançando neste mesmo ano a primeira publicação nesta abordagem chamada “*Elementos de Psicoterapia*”, no Boletim de Psicologia da Sociedade de Psicologia de São Paulo.

A partir de então, eram trazidos profissionais representativos desta abordagem para desenvolver trabalhos junto a um grupo de profissionais. Inicialmente, Jean Clark Juliano, Walter Ferreira da Rosa Ribeiro, Paulo Barros, Abel Guedes e Lílian Frazão.

Esses workshops eram teórico-vivenciais, onde se podia observar a forma de trabalho terapêutico do profissional convidado, bem como se submeter ao trabalho pessoal.

Posteriormente, com o grupo ampliado por outros profissionais que se juntaram ao grupo inicial, passado o encantamento da descoberta, começou a se fazer necessário um aprofundamento dos conhecimentos adquiridos até então (através desses workshops e de grupos de estudo autônomos). Iniciou-se um processo que Juliano (1992) identifica como de "aculturação": a rejeição de algumas formas de trabalho inadequadas à nossa cultura, neutralizando, dessa forma, nossa tendência a uma apreensão indiscriminada de formas de pensamento e práticas européias.

A necessidade de entendimento de como esse processo se dava e em que bases conceituais se alicerçava se fez presente e cada vez mais necessário – identificação com o grupo dos "caras – pálidas".

Esse processo de aprofundamento dos conhecimentos adquiridos esbarrava, no entanto, na escassez de material traduzido. Os primeiros livros: *Tornar-se Presente*, de Stevens e *Gestalt Terapia Explicada*, de Perls, em sua maioria transcrições dos trabalhos desenvolvidos por Perls em seus workshops, favoreciam a idéia errônea de que a Gestalt-Terapia resumia-se a uma série de técnicas que, aplicadas, produziam efeitos milagrosos.

Propiciando mais uma vez – bem como no início de sua divulgação nos Estados Unidos – a idéia de que qualquer um poderia se utilizar das técnicas da "Gestalt" para desenvolver seu trabalho. Dessa forma, estabeleceu-se uma idéia de que Gestalt-Terapia seria qualquer coisa que se referisse à aplicação de "técnicas" propiciadoras da expressão de sentimentos. O que demandou considerável trabalho, por parte dos profissionais

pioneiros, em lidar com a contraposição do que **não** era Gestalt – necessidade que, infelizmente, ainda se impõe até os dias de hoje a todos aqueles que se aprofundam nesta abordagem.

Em 1978, Walter Ribeiro, junto com outros profissionais, de diferentes lugares do Brasil, criou em Brasília o primeiro grupo de formação em Gestalt-Terapia, auxiliado pela terapeuta residente na Califórnia, Maureen Miller.

Posteriormente foi criado em São Paulo, por parte de alguns profissionais que compunham esse primeiro grupo, o primeiro curso de "Especialização na Abordagem Gestáltica em Psicoterapia" no Instituto Sedes Sapientiae, com duração de 3 anos, que continua acontecendo até os nossos dias, agora sob orientação de outros profissionais. Começaram a se formar então, Centros de Estudo e Formação em outras localidades do país: Rio de Janeiro(onde se pode destacar os nomes de Maria Cristina Frascarolli Tsallis e Teresinha Mello Silveira, que continuam exercendo essa atividade até os dias de hoje), Minas Gerais, Paraná, Pernambuco, Ceará, Santa Catarina, etc.

Em 1981 foi fundado o *Centro de Estudos de Gestalt de São Paulo* por Thèrése Tellegen, Lílian Frazão, Jean Clark Juliano e Abel Guedes, a fim de se constituir num centro de referência nesta abordagem, inclusive se propondo a combater as deturpações existentes. Por essa época já existiam outros profissionais brasileiros que, de maneira independente, buscaram treinamento, especialmente no Instituto de Esalen, na Califórnia.

Podia-se, então, lançar mão de uma série de livros sobre essa abordagem. Em 1984 foi publicada a primeira obra brasileira de Gestalt-Terapia: "*Gestalt e Grupos: Uma perspectiva sistêmica*" de Thèrése Tellegen, seguida em 1985 pelo livro de Jorge Ponciano Ribeiro: "*Gestalt-Terapia : Refazendo um caminho*" – material que se expandiu bastante a partir daí, inclusive com o surgimento de algumas revistas nacionais: o "Gestalt Jornal" do Centro de Estudos de Gestalt do Paraná, a "Revista de Gestalt" do Departamento de Gestalt do



Instituto Sedes Sapientae, a “PRESENÇA : Revista Vita de Gestalt-Terapia” do Rio de Janeiro ( infelizmente extinta) e várias teses de mestrado e doutorado.

Como se pode ver, o contato inicial com a Gestalt-Terapia no Brasil se dá de uma forma que se pode identificar como peculiar ao grupo dos “peles-vermelhas”: O contato com uma abordagem “nova’, “alternativa” às conhecidas e hegemônicas, onde a proposta vivencial se estabelece como marca preponderante. A proposta de favorecer o auto-conhecimento através de uma perspectiva de valorização do mundo sensível em detrimento do racional, do intelectual, é extremamente sedutora.

Com o passar do tempo, podemos identificar, no entanto, duas formas de continuidade desse movimento: - um grupo de gestalt-terapeutas que sentem a necessidade de um entendimento maior de como essa prática se dá e em que bases conceituais se alicerça (identificação com o grupo dos “caras-pálidas”), lidando com isso não mais como a manutenção de uma “dicotomia” e sim como um “processo” de integração e amadurecimento da abordagem; - e um outro grupo de profissionais que se mantêm presos à forma inicial de apreensão da Gestalt-Terapia, reproduzindo, portanto, a dicotomia apontada nesse trabalho.

A título de conclusão, ou me atrevendo a tentar contribuir um pouco com o desenvolvimento dessa “história”, me pergunto se será um dia possível eliminar tal dicotomia que me parece intrínseca à origem da própria abordagem – como configuração histórica das influências e necessidades peculiares a uma época e aos indivíduos pertencentes a ela.

Por outro lado, por crença ou utopia, me nego a desistir de buscar uma perspectiva mais agregadora na apreensão do mundo, onde as disputas não se darão por “uma” verdade, pela demarcação de um “território”, e sim por uma perspectiva mais integradora, holística, que facilite o entendimento da história humana .

## Referências Bibliográficas

- CAVANELLAS, L. B. - A Gestalt-Terapia no envio da modernidade – Teoria e Técnica na confrontação da dor. Dissertação de Mestrado. Instituto de Filosofia/UERJ/RJ. 1998.
- CIORNAI, S. (org.) - Gestalt-Terapia, psicodrama e terapias neo-reichianas no Brasil : 25 anos depois. São Paulo: Ágora, 1995.
- FROM, I.- Reflexões sobre a Gestalt-Terapia após trinta e dois anos de prática: um réquiem para a Gestalt, in *The Gestalt Journal*, vol. VII, nº 1, Spring 1984 (pp. 4 –12), Tradução de Luis Fernando F. R. Ribeiro.
- JULIANO, J. C.- Gestalt-Terapia: revisitando as nossas estórias, *Revista de Gestalt*, ano II, nº 2, (pp 7- 21), São Paulo, 1992 .
- MICHAEL, V. M.- Introdução ao Gestalt Terapia Explicada ( Gestalt Terapy Verbatim), *Revista de Gestalt*, nº4 , (pp. 5-19), São Paulo, 1995.
- PEREIRA, C. A. M. - O Que é Contracultura. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- PERLS, F., HEFENERLINE, R. e GOODMAN, P.- Gestalt-Terapia. São Paulo: Summus Editorial, 1997.
- SILVEIRA, T. M.- A Moderna Gestalt-Terapia do Rio de Janeiro, in *PRESENÇA : Revista de Gestalt Terapia*, ano 2, nº 3, (pp. 7-17), Rio de Janeiro, 1996 .
- SILVEIRA, T. M., OLIVEIRA, L., A., RAQUEL, A., P. e PEREIRA, W. de O. - A inserção da Gestalt-Terapia no Instituto de Psicologia da UERJ, in MANCEBO, D. (org.), *Práticas “Psi” em debate / I Jornada Interna do SPA., UERJ/NAPE*, Rio de Janeiro, 1999.